



O IMPACTO DAS RELAÇÕES HUMANAS NA MUDANÇA DE PERSPECTIVA EM UM CONTEXTO ASILAR

Cristiane Almeida Costa* (Graduanda do curso de Psicologia; FAE Centro Universitário; Curitiba-PR). Joyce Kelly Pescarolo (Orientadora do trabalho; Doutora em Psicologia; Professora e Coordenadora do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário; Curitiba-PR). Magnum Machado Nardoto** (Graduando do curso de Psicologia; FAE Centro Universitário; Curitiba-PR). Maria Rita Alves Dalledone*** (Graduanda do curso de Psicologia; FAE Centro Universitário; Curitiba-PR). Nathalia Goedert**** (Graduanda do curso de Psicologia; FAE Centro Universitário; Curitiba-PR).

Contato: criscostar9@outlook.com*

magnum-machado@hotmail.com**

mrdalledone@hotmail.com***

goedert.nathalia@gmail.com****

Psicologia Social Comunitária, Institucional e Comunitária

Palavras-chave: Psicologia Institucional. Instituição Asilar. Morte. Relações Humanas.

Desde muito tempo a sociedade é constituída por instituições que juntas produzem e regulam a vida humana em sociedade (Barembritt, 2002). Dentre as possíveis áreas da psicologia está a Psicologia Institucional e Comunitária. O trabalho do psicólogo dentro das instituições, para além do campo da aplicação, possui uma atuação de investigação e promoção de saúde. O presente trabalho tem como objetivo analisar o impacto das relações humanas na mudança de perspectiva em um contexto de instituição asilar, onde será apresentada uma experiência de estágio em Psicologia Comunitária e Institucional, realizada no ano de 2017, em um lar de idosas localizado em um bairro nobre da cidade de Curitiba. O lar é administrado por religiosas claretianas, recebe somente mulheres como residentes e possui 16 moradoras, destas, uma será tomada como um caso, de forma a exemplificar o que a literatura nos apresenta. A prática de estágio realizada pelos autores contou com um total de 36 horas, sendo 18 horas em prática e 18 horas em supervisão, durante os meses de agosto à dezembro de 2017.

A maior parte das idosas encontra-se em quadros de demência e debilidades físicas, algumas não possuem condições de falar, autonomia para andarem sozinhas e outras apresentam deficiências visuais e auditivas. Todas elas cumprem horários para comer, orar, dormir e realizar atividades fisioterapêuticas. Groisman (1999) ao caracterizar uma instituição asilar, refere-se a um “dispositivos de produção social da velhice”, que apesar de ser uma instituição “atual”, possui uma tácita potencialidade “destrutiva”.



A realidade em um a instituição de longa permanência é invasiva para a subjetividade do sujeito, é o que Goffman (2011) chama de *mortificação do eu*. No caso do asilo, o processo é mais lento e gradativo, mas não menos agressivo. Idosos institucionalizados, lidam com a realidade de dormir em uma cama de alguém que já faleceu, tem sua privacidade comprometida, cumprem horários determinados por outros, são separadas de seus pertences, perdem sua autonomia e independência, fatos evidentes nas falas de várias idosas que residiam no lar. Assim, a proposta inicial do estágio realizado na instituição foi desenvolver atividades que pudessem melhorar a qualidade de vida dessas senhoras.

Gomes et. al (2004, apud Queiróz, 1989) afirma que devido ao grande número de idosos destituídos e sem família foi necessário a criação de centros que pudessem acolher esses idosos. A partir desses centros que surgiram os asilos, que funcionam como um resposta ao envelhecimento da sociedade. Muitas dessas instituições possuem um caráter assistencial, filantrópico ou religioso que geralmente contam com uma renda precária e que por este motivo não necessariamente é possível contar com mão de obra qualificada ou preparada para lidar com as demandas o que pode afetar na qualidade de vida dos idosos.

Ao refletir sobre o processo institucional e sua complexidade o autor Goffman (2011) discorre sobre as instituições totais e dos aspectos principais como regras, normas e suas rotinas, em que o grupo de internos é supervisionado e controlado pelos seus dirigentes. Neste processo podemos incluir as instituições de longa permanência para idosos, o intuito dessas organizações é o de instruir e cuidar, mas também o de enquadrar e controlar. Nestes locais se desdobram todos os aspectos das vidas dos indivíduos, como dormir, comer, momentos de lazer e trabalho. Cada atividade da vida do participante é realizada em conjunto com outras pessoas, são diárias e iguais para todos, o que resultam em situações em que os indivíduos passam a ser classificados, suas identidades são massificadas e todos traços de singularidade dos sujeitos são desconsiderados.

Segundo Oliveira e Freitas (2006), os idosos, ao entrarem em uma instituição asilar passam a fazer parte de uma nova comunidade, onde ocorre a quebra dos vínculos afetivos familiares anteriores, pois passam a conviver diariamente com pessoas desconhecidas que não se tem vínculos relações emocionais levando ao isolamento e afastamento da vida que se tinha antes como sendo “normal”.

A autora Lopes (2002, apud Silva e Chaves, 2005) sobre o processo de institucionalização afirma que muitas vezes o idoso não apresenta uma patologia, apenas uma debilidade que é inerente ao processo de envelhecimento, mas que com a ausência dos familiares e com o sentimento de abandono o idoso acaba ficando apático depressivo e cada vez mais se recusa a participar do meio social, comprometendo a saúde mental e física do sujeito, acometendo muitas vezes em perdas cognitivas.



A este respeito é preciso considerar que:

A terceira idade traz consigo a redução do espaço físico e social de participação, pelo esvaziamento dos papéis sociais vivenciados ao longo da vida adulta. Torna-se necessário, portanto, medidas capazes de levar as pessoas idosas à descoberta de novos papéis sociais, que sejam aceitos e valorizados pelas sociedades que estão envelhecendo. (Gomes et.al, 2004, p.2).

Na experiência de estágio realizada pelos autores eram frequentes os assuntos sobre a morte e o morrer, uma vez que muitas idosas já haviam presenciado a morte de suas companheiras de quarto ou de algum familiar. Menezes et.al (2014), salienta que os idosos se abalam ao perderem os entes queridos, e familiares, com isso sentem a necessidade de se prepararem para a própria morte. Muitas idosas moradoras do lar falavam sobre a chegada de sua morte e da preparação para este dia, o que vai de encontro com o que Giacomini et al. (2013) elabora quando apresenta a importância de escolher o lugar da sepultura e falar sobre sua morte, pois estas reflexões fazem com que surjam nos indivíduos o reconhecimento da finitude.

Ao longo da experiência de estágio deparamo-nos com duas perspectivas distintas em relação ao processo de morte: a relacionada à morte física, inerentes a uma visão mais racionalista e biológica, e aquela relacionada a uma morte simbólica, ocorrida pela perda da subjetividade, pelos efeitos do envelhecimento sem vínculo e do processo institucional. Neste momento, cabe ressaltar um dos exemplos presenciados pelos autores durante o período de estágio, que demonstra uma mudança de perspectiva de uma das moradoras do lar, levando em consideração a relação estabelecida durante a prática de estágio, vamos chamá-lo de "Caso M.": M. reside a 2 anos na instituição, tem aproximadamente 80 anos, possui 8 irmãos, destes somente 2 são vivos. M. apresenta problemas auditivos e diabetes, doença a qual relata ter sido causa da morte de alguns dos seus familiares. Na instituição ela recebe visitas esporádicas de um irmão, o qual tem um vínculo muito forte. Logo no primeiro dia de estágio, a senhora relata-nos um pouco de sua história, sua relação familiar, suas vontades, arrependimentos e saudades. M. expôs em uma oportunidade o quanto gosta de dançar, que quando mais nova sempre frequentava as casas de dança da cidade, esta era uma de suas saudades mais latentes. A falta que sentia da dança, dos bailes e seus amigos que a acompanhavam, gerava angústia em M. Em um certo dia, no meio de uma conversa despreocupada, diz guardar um vestido verde de lantejoulas, usado poucas vezes por ela, o escolhido para vestir no dia de seu enterro. Ao ser questionada sobre este assunto, a senhora rapidamente direciona a conversa para outra coisa, entendemos então, que se tratava de uma questão em que a mesma não desejava elaborar naquele momento. Ao longo da prática de estágio, M. se mostrou muito prestativa, presente em todas as atividades, demonstrava alegria, ânimo, cuidado e carinho com



as demais residentes, e quando possível trazia questões relacionadas ao seu passado. Aos poucos fomos criando um vínculo bem estabelecido com a senhora, o qual foi marcado em uma atividade de dança proposta pelo grupo, M. se prontificou rapidamente e dançou conosco, assim como em seu desejo. Quase ao fim do estágio, após diversas dinâmicas, conversas, atividades cognitivas, físicas e de cunho emocional que propiciaram um vínculo com a senhora, M. relata que o enfeite de cabelo que estava produzindo em uma das atividades propostas naquele encontro, seria usado juntamente com o vestido verde de lantejoulas na festa de natal que ocorreria na instituição. A senhora quando questionada sobre a mudança na finalidade do vestido (do uso em seu enterro, para o uso em vida) relata que naquele momento desejava usá-lo mais, o que vai em sentido oposto ao estabelecido quando iniciamos o estágio no lar, M. agora enxergava possibilidades de usá-lo em vida. Este exemplo deixa clara a influência das relações humanas na vida de um indivíduo institucionalizado, o quanto valorizar questões identitárias, subjetivas e singulares podem causar impacto nas perspectivas de cada indivíduo, especialmente nestes contextos extremamente limitados e regrados. Em momento algum do estágio foi falado diretamente sobre o “uso do vestido”, mas sim, apresentamos a M. perspectivas diferentes para compreender sua nova vida naquele ambiente, foi apresentado também, formas de viabilizar seus desejos. Desta maneira, o modo com qual M. enxergava sua vida naquela instituição foi alterado, e a mudança de perspectiva apresentou-se na forma simbólica de como a senhora faria uso do vestido que tanto gostava, o qual agora M. usaria em um momento festivo.

A prática do estágio possibilitou-nos intervenções que auxiliassem no resgate dessa subjetividade e na mudança de perspectiva das idosas frente ao envelhecer. No entanto, foram necessários alguns encontros para percebermos que antes de grandes mudanças nas instituições, era necessário acolher aquelas senhoras e assim foram proporcionadas atividades que contribuíssem para o bem estar e conseqüentemente uma melhora na qualidade de vida. Assim, é evidente a capacidade de transformação que as relações humanas possuem, principalmente em um contexto institucional. No que tange a prática do profissional Psicólogo, cabe ao mesmo proporcionar uma escuta sensível aos sujeitos, criar espaços para que surjam relações humanas de maior qualidade, valorizar aspectos identitários e subjetivos dos indivíduos, para que então, as perspectivas possam ser ressignificadas.

REFERÊNCIAS

- Baremlitt, G. F. (2002). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática* (Vol. 1, 5a ed.). Belo Horizonte: Record, 2002.
- Freitas, T. M., Souza, C. S., Oliveira, C. R. M., & Ribeiro, C. (2006). Idosos e família: asilo ou casa. *Psicologia.com.pt*. Recuperado em 13 agosto, 2018, de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0281.pdf>



- Giacomin, K. C., Santos, W. J. D., & Firmo, J.O. A. (). "O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer" *Ciênc. saúde coletiva* vol.18 no. Rio de Janeiro, 2013.
- Goffman, E. (2001). *Manicômios prisões e conventos* (Vol. 1, 7a ed.). São Paulo: Perspectiva, 2001.
- Gomes, I. S., Rosado, K. M., Souza, G. D. C., Macedo, I. D. S., Barbosa, J. C., & Souza, I. F. D. (2004). A busca da socialização de idosos por meio de atividades de recreação e lazer. *Anais do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*, Pampulha, BH, 2.
- Groisman, D. (1999). Duas abordagens aos asilos de velhos: da clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice. *Cadernos Pagu* (Rio de Janeiro), 161-190. Recuperado em 23 novembro, 2017, <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635289/3091>
- Lopes, T. D. J. B. (2002). *A arteterapia em idosos: efeitos nas funções cognitivas*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.
- Menezes, T. M. D. O., & Lopes, R. L. M. (2014). Significados do vivido pela pessoa idosa longeva no processo de morte/morrer e luto. *Ciência & Saúde Coletiva* (Rio de Janeiro), 19(8).